

SÉRIE GIRL MEETS DUKE VOL.2

# *Tessa Dare*

Um  
*Amor*  
conveniente



*Um*  
*Amor*  
*conveniente*





SÉRIE GIRL MEETS DUKE VOL.2

# *Tessa Dare*

## *Um Amor conveniente*



TRADUÇÃO: A C Reis

 GUTENBERG



Copyright © 2018 Eve Ortega

Copyright © 2019 Editora Gutenberg

Título original: *The Governess Game*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Rejane Dias*

ASSISTENTE EDITORIAL *Andresa Vidal Vilchenski*

PREPARAÇÃO *Carol Christo*

REVISÃO FINAL

*Andresa Vidal Vilchenski*

CAPA

*Larissa Carvalho Mazzoni (sobre imagem de LEE AVISON/ Arcangel)*

DIAGRAMAÇÃO

*Larissa Carvalho Mazzoni*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro,  
SP, Brasil**

Dare, Tessa

Um amor conveniente / Tessa Dare ; tradução A C Reis. -- 1. ed.-- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2019. -- (Série Girl Meets Duke; v. 2)

Título original: *The Governess Game*.

ISBN 978-85-8235-624-1

1. Ficção histórica 2. Romance norte-americano I. Título. II. Série.

19-30224 CDD-813

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances históricos : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

**A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA**

**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073 . Conjunto Nacional Horsa I . 23º andar . Conj. 2310-2312 Cerqueira César . 01311-940 .

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Para meus filhos, os “Darelings”, porque parece que estabeleci uma tendência nesta série: dedicar os livros para pessoas que, espero, nunca o lerão. Minha filha foi uma consultora brilhante para as personagens Rosamund e Daisy, e meu filho inteligente me ensinou que algumas crianças aprendem melhor de modos não convencionais.

“Darelings”, eu amo vocês dois. Prometo que, de todos os meus livros, esta será a única página que os obrigarei a ler.

(Bônus: agora envergonhei vocês diante de milhares de estranhos. Conquista de mãe destravada!)

# Prólogo

Alexandra Mountbatten tinha bom senso. Era isso que suas amigas acreditavam.

A verdade era que Alex não tinha senso nenhum – pelo menos não quando se tratava de cavalheiros encantadores com olhos verdes marotos. Se ela tivesse um mínimo de racionalidade, não teria bancado a boba com o Mulherengo da Livraria.

Mesmo agora, mais de seis meses depois, conseguia se lembrar da cena constrangedora e vê-la se desenrolando, como se estivesse assistindo a uma peça de teatro.

O local: a livraria Hatchard's.

A data: uma tarde de quarta-feira, em novembro.

As personagens: Alexandra, claro. Suas três melhores amigas: Nicola Teague, Lady Penelope Champion e Emma Pembroke, a Duquesa de Ashbury. E, fazendo sua estreia no papel principal (trombetas, por favor): o Mulherengo da Livraria.

A cena desenrolou-se da seguinte forma:

Alexandra equilibrava uma torre de livros de Nicola em um braço enquanto lia seu livro com a mão livre. Era um exemplar de *Catálogo de Nebulosas e Aglomerados Estelares*, de Charles Messier, que ela tinha encontrado, como uma pérola, na seção de livros usados. Procurava uma cópia de segunda mão há séculos. Alexandra não tinha dinheiro para comprar um novo.

Em um momento estava folheando alegremente páginas de descrições de nebulosas astronômicas, e no seguinte...

*Bangue.* Uma colisão de proporções astronômicas.

A causa não ficou clara. Talvez ela tenha dado um passo para trás, ou ele tenha se virado sem olhar. Não importava. O ombro de um bateu no braço do outro, as leis da física exigiram uma reação igual e oposta. Dali em diante, foi a gravidade. Todos os livros que segurava foram parar no chão e, quando ela tirou os olhos do caos que havia formado, ali estava ele.

Cabelo castanho desgrenhado, vestido com elegância, colônia que cheirava a pecado engarrafado e um sorriso que, sem dúvida, tinha sido aprendido na infância como forma de persuadir as mulheres a perdoarem qualquer coisa que fizesse.

Com um charme afável, ele recolheu os livros. Alexandra não ajudou em nada.

Ele lhe perguntou o nome; ela gaguejou.

Ele lhe pediu para recomendar um livro – um presente, ele disse, para duas garotas. Como resposta, ela gaguejou um pouco mais.

Ele se aproximou o bastante para que ela inspirasse sua água de colônia amadeirada, terrosa, máscula. Ela quase desmaiou na seção de antiguidades.

Mas então o sujeito a olhou com olhos verdes calorosos. Realmente *olhou*, do modo que as pessoas raramente faziam, porque isso significava permitir-se também olhar para elas. Reação igual e oposta.

Ele a fez se sentir a única mulher na livraria. Talvez a única mulher no mundo. Ou no universo.

O momento pareceu durar para sempre, mas, na verdade, acabou rápido demais.

Então, ele lhe fez uma reverência galante, despediu-se e foi embora com o *Catálogo de Nebulosas e Aglomerados Estelares*, de Charles Messier, deixando Alexandra com um livro insípido de histórias para “garotas obedientes”.

Fim da cena.

Ou, pelo menos, esse deveria ter sido o fim.

Alex resolveu apagar o encontro de sua cabeça, mas Penny – a romântica incorrigível dentre suas amigas – não permitiu. Como ele

não lhe tinha dito o nome, Penny atribuiu-lhe títulos cada vez mais ridículos. Primeiro ele foi apenas o Mulherengo da Livraria, mas conforme as semanas passavam, avançou rapidamente pelos degraus da nobreza. Sir Leitor. Lorde Literatura. O Duque de Hatchard.

*Pare, Alex disse mais de uma vez para a amiga. Isso aconteceu séculos atrás e eu não pensei mais nele. Com certeza ele não pensou em mim. Aquilo não foi nada.*

Só que não era bem assim. Algum recôndito imbecil de sua memória enfeitou o encontro com arco-íris e brilhos até aquilo parecer... alguma coisa. Alguma coisa humilhante demais para ser admitida em voz alta, até mesmo para Penny, Emma e Nicola. Na verdade, Alex evitava admitir para si mesma.

Daquele dia em diante, sempre que ia à Hatchard's – ou ao Templo das Musas, ou mesmo à Livraria Minerva – Alex procurava por ele. Imaginando que poderiam colidir mais uma vez, e ele confessaria, durante um chá da tarde que se transformaria em jantar, que também a tinha procurado, na esperança de reencontrá-la. Porque, era óbvio, naqueles dois minutos de dolorosa conversa unilateral, ele tinha descoberto que uma garota incoerente e desajeitada de classe trabalhadora, pequena o bastante para encher um armário médio de cozinha, era tudo o que ele sempre tinha ansiado encontrar.

*Você é exatamente o que eu estava procurando.*

*Agora que a encontrei, nunca mais a deixarei ir.*

*Alexandra, eu preciso de você.*

Bom senso, blé.



Alex trabalhava para pagar as contas, acertando relógios nas residências de clientes ricos, e não tinha tempo para sonhos. Estabelecia *objetivos* e trabalhava para alcançá-los. Pés no chão, postura ereta e seguindo em frente.

Ela não se permitiria – de jeito nenhum – ser levada por fantasias românticas.

Infelizmente, sua imaginação resolveu ignorar esse memorando. Quando sonhava acordada, o chá da tarde levava a caminhadas no

parque, a conversas profundas, a beijos sob as estrelas e, até, – a dignidade de Alexandra murchava só de pensar – a um casamento.

Sério. Um casamento.

*Você aceita este homem, Mulherengo Anônimo da Livraria com Péssimo Gosto em Literatura Infantil, como seu legítimo esposo?*

Absurdo.

Após meses tentando parar com essa loucura, Alex desistiu. Pelo menos suas fantasias, por mais tolas que pudessem ser, eram um segredo só dela. Ninguém mais precisava saber. Era grande a probabilidade de que nunca mais encontrasse o Mulherengo da Livraria.

Até, claro, a manhã em que o encontrou.

# Capítulo um

A manhã começou do mesmo modo que a maioria das manhãs recentes de Chase. Com uma morte trágica.

– Ela está morta.

Ele se virou de lado. Ao abrir os olhos, o rosto de Rosamund entrou em foco.

– O que foi desta vez?

– Tifo.

– Encantador.

Usando o braço estofado do sofá como apoio, ele se colocou sentado. Ao fazê-lo, a vertigem o atingiu, arrependendo-se instantaneamente de ter mudado de posição. Ele massageou as têmporas, lamentando seu comportamento na noite anterior. E sua libidinagem durante a madrugada inteira. Já que estava pensando nisso, podia também se arrepender de toda sua juventude desperdiçada. E abrir algum espaço em sua agenda esta tarde.

– Isso pode ficar para depois. – Para depois... quando a cabeça dele dele parasse de zunir e ele tivesse se lavado, livrando-se daquele aroma enjoativo de perfume francês.

– A Daisy disse que tem que ser agora, ou o contágio pode se espalhar. Ela está preparando o corpo.

Chase gemeu. Decidiu que não valia a pena discutir. Era melhor resolver logo aquilo.

Quando começaram a subir os quatro lances de escada até o quarto das crianças, ele questionou sua pupila de 10 anos:

– Você não pode fazer algo a respeito disso?

– E você?

– Ela é *sua* irmãzinha.

– Você é o tutor dela.

Chase fez uma careta, sem parar de massagear a têmpora que latejava.

– Disciplina não é um dos meus talentos.

– Obediência não é um dos nossos – respondeu Rosamund.

– Percebi. Não pense que não vi você guardar no bolso a moeda que estava no criado. – Eles chegaram ao final das escadas e viraram no corredor. – Escute, isso tem que acabar. Internatos de qualidade não oferecem vagas para ladrazinhas nem para assassinas em série.

– Não foi assassinato. Foi tifo.

– Oh, mas é claro que foi.

– E nós não queremos ir para um internato.

– Rosamund, está na hora de aprender uma lição difícil. – Ele abriu a porta do quarto. – Na vida, nem sempre a gente consegue o que quer.

E Chase não sabia disso? Ele não *queria* ser o tutor de duas garotinhas órfãs. Não *queria* ser o próximo na linha de sucessão do ducado de Belvoir. E, com toda certeza, não *queria* estar participando do quarto funeral em quatro dias. Mas lá estava ele.

Daisy se virou para os dois. Um véu de tule escuro cobria seus cabelos cor de palha.

– Por favor, mostrem algum respeito pela falecida. – Ela acenou para que Chase se aproximasse. Obediente, ele foi até o lado dela, curvando-se para que a menina pudesse prender uma faixa preta ao redor do braço dele.

– Sinto muito por sua perda – ele disse. *Sinto tanto, tanto. Você não sabe quanto.*

Ele assumiu seu lugar à cabeceira da cama, olhando para a falecida. Ela era de uma palidez fantasmagórica e estava envolta em uma mortalha branca. Botões cobriam seus olhos. Graças a Deus. Era terrivelmente perturbador quando os olhos o fitavam com aquela expressão vazia, vidrada.

Daisy pegou a mão dele e curvou a cabeça. Após conduzir a reza do Pai Nosso, cutucou Chase nas costelas.

– Sr. Reynaud, por gentileza, diga algumas palavras.

Chase olhou para cima. Que Deus o ajudasse.

– Pai Todo-Poderoso – ele começou num tom desanimado –, entregamos à sua guarda a alma de Millicent. Cinzas às cinzas. Pó ao pó. Ela era uma boneca de poucas palavras e ainda menos movimentos autônomos, mas ainda assim será lembrada pelo sorriso constante, que alguns até diriam que é pintado, em seu rosto. Pela graça de Nosso Redentor, sabemos que ela ressuscitará, quem sabe até antes do almoço. – Baixinho, ele acrescentou: – Infelizmente.

– Amém – Daisy murmurou. Com solenidade, ela baixou a boneca até o baú dos brinquedos e em seguida fechou a tampa.

Rosamund quebrou o silêncio opressivo.

– Vamos descer para a cozinha, Daisy. Tem pãozinho com manteiga e geleia de café da manhã.

– Vocês vão tomar café aqui – ele a corrigiu. – No quarto. Sua aia vai...

– Nossa aia? – Daisy lhe deu um olhar inocente e doce. – Mas nós não temos aia no momento.

Ele soltou um gemido.

– Não me digam que a nova já desistiu. Eu a contratei ontem.

– Nós nos livramos dela em dezessete horas e quinze minutos – Rosamund disse, orgulhosa. – Um novo recorde.

Inacreditável.

Chase foi até o mapa-múndi na parede e pegou uma tachinha na borda.

– *Aqui*. – Ele espetou um país a esmo, então apontou para o local tentando mostrar autoridade. – Vou mandar vocês para um internato *aqui*. Divirtam-se. – Ele fixou os olhos no mapa. – Em Malta.

Soltando fumaça pelas ventas, Chase saiu do quarto e fez o percurso de quatro lances de escada abaixo, depois desceu mais meio lance e atravessou a cozinha, chegando ao seu retiro particular. Ao entrar, fechou e trancou a porta antes de expirar um pulmão inteiro de irritação.

Para um *bon-vivant*, Chase estava terrivelmente exausto. Precisava tomar um banho, barbear-se e de algo que resolvesse sua dor de cabeça. Barrow, seu administrador, chegaria em menos de uma hora com maços de documentos para ele analisar e ordens de pagamento para assinar. O clube tinha organizado um verdadeiro bacanal na noite passada, e agora ele precisava contratar outra aia.

Antes que pudesse fazer qualquer coisa, Chase precisava de uma bebida.

Em seu caminho até o aparador com a bebida, ele navegou por uma mesa de carteados coberta com tecido e uma pilha de pinturas encostadas na parede que aguardavam ser penduradas. Seu aposento ainda estava sendo arrumado. Claro que ele tinha uma suíte bem mobiliada no andar dos quartos, mas no momento precisava de um lugar o mais distante do quarto das meninas que a arquitetura lhe permitisse. Isso não era para o bem das meninas, mas dele próprio. Chase preferia não saber as travessuras que suas pupilas faziam na parte de cima da casa, e elas nunca poderiam saber das *travessuras* que ele aprontava na parte de baixo.

Desarrolhou uma garrafa de vinho e encheu uma taça grande. Um pouco cedo para um vinho da Borgonha, mas tanto fazia. Afinal, estava de luto. E podia muito bem fazer um brinde à memória de Millicent.

Engoliu meia taça com um gole e então ouviu uma batida leve na porta. Não a que dava para a cozinha, mas a porta que se abria para a rua lateral.

Chase praguejou dentro da taça. Devia ser Colette, ele imaginou. Eles tinham se divertido uma noite dessas, mas, aparentemente, nem sua bem-conhecida reputação nem o buquê de despedida que tinha enviado comunicaram sua mensagem. Ele seria obrigado a ter “a conversa” com ela.

*Não é você, querida. Sou eu. Sou um homem defeituoso, incorrigível. Você merece alguém melhor.*

E era verdade, por mais que parecesse vigarice. Em se tratando de relacionamentos, sexuais ou não, Chase tinha uma regra: não se apegar.

Não se apegar .

Palavras que serviam para orientar sua vida. Palavras que lhe serviam na hora de fazer amor e de enviar suas pupilas para o internato. Quando fazia promessas, só causava dor.

– Entre! – ele exclamou, sem se preocupar em virar para a porta.  
– Está destrancada.

Uma brisa fria passou por seu pescoço quando a porta foi aberta e depois fechada. Como o toque de dedos.

Ele despejou vinho em outra taça.

– Voltou para mais uma rodada, não é, sua gatinha insaciável. Sabia que não tinha deixado sua meia aqui por acaso na outra... – ele se virou, segurando as duas taças e ostentando um sorriso malicioso – ...noite.

Interessante. A mulher que tinha entrado não era Colette.

Ela não se parecia em nada com Colette.

Diante dele estava uma jovem pequena, de cabelos pretos. Segurava uma bolsa bastante desgastada nas mãos, e seus olhos demonstravam um horror profundo. Ele conseguiu ver, de verdade, o sangue descendo do rosto dela e se acumulando na base de seu pescoço, formando um rubor intenso.

– Bom dia – ele disse, amistoso.

Como resposta, ela engoliu em seco.

– Aqui. – Chase estendeu sua mão esquerda, oferecendo-lhe a taça de vinho. – Tome isto. Você parece estar precisando.



Ele.

Era ele. Ela o teria reconhecido em qualquer lugar. Aquelas feições estavam gravadas na memória dela. Ele era lindo. Olhos verdes marotos, cabelo castanho desgrenhado e aquele sorriso tão sedutor que poderia roubar a virtude de uma mulher que estivesse do outro lado de uma sala cheia de gente.

Alexandra se encontrava pé a pé (ela era baixa demais para estar face a face) com o Mulherengo da Livraria, em carne e osso.

Tanta. Carne.

Mangas enroladas até os cotovelos, camisa aberta, sem gravata... Alexandra baixou os olhos para parar de encará-lo. Bom Deus. Pés

descalços.

– Eu... eu... perdoe-me. Pensei que esta fosse a entrada de serviço. Vou sair agora mesmo. – Ela baixou a cabeça para esconder o rosto, rezando para que ele não a reconhecesse. Se fosse embora nesse momento, e rapidamente, talvez ela pudesse sobreviver àquele encontro.

– Você não está errada. Esta era a entrada de serviço até algumas semanas atrás. Estou adaptando o espaço para minha conveniência. Um tipo de retiro masculino.

Ela passou os olhos pelo aposento e foi muito fácil perceber qual era a “conveniência” dele. Bar bem abastecido. Sofá de *plush*. Cortinas de veludo roxas. Um tapete feito do couro de algum animal peludo. Na parede, um par de galhadas de cervo.

E lá estava, a tal da meia esquecida. Pendurada na galhada do animal como uma bandeira branca de rendição.

Ela tinha entrado em um tipo de masmorra do prazer.

Constrangimento a devorava por dentro. Gotas de suor surgiram em sua testa.

– É evidente que estou incomodando. Eu volto outra hora. – Ela apertou a bolsa com mais força e tentou se esgueirar por ele.

Mas ele não a deixaria sair tão facilmente. O homem era alto demais, rápido demais. Másculo e musculoso demais. Ele deslizou para o lado, bloqueando o caminho dela até a porta.

– acredite em mim, estou encantado por vê-la.

*Eu ficarei encantada se você não me ver.*

Alex escondeu o rosto com uma mão e desviou o olhar para uma pintura encostada na parede. Era de uma mulher nua em pelo, exceto por um leque estrategicamente posicionado.

– Eu deixei um cartão na semana passada. Eu queria falar com sua governanta sobre meus serviços.

– Sim, é claro.

– Talvez você possa me encaminhar até ela.

– Eu mesmo conduzo todas as entrevistas. Acho que economiza tempo.

Ela o fitou, surpresa. Era mais do que incomum que o cavalheiro da casa entrevistasse seus empregados, ainda mais uma

empregada cujo único dever seria ajustar os relógios de acordo com Greenwich uma vez por semana.

– Perdoe-me. Eu me precipitei. – Ele inclinou a cabeça num arremedo de reverência. – Chase Reynaud.

Sr. Charles Reynaud.

Sra. Alexandra Reynaud.

*Pelo amor de Deus, pare.*

Ele colocou de lado as taças de vinho e enxugou as mãos nas calças.

– Nós podemos tratar de seu início imediato. Fique à vontade.

Alex preferia ficar invisível. Ela foi na direção das janelas que revestiam uma das paredes, em parte desejando se esconder atrás das cortinas. Mas também porque foi atraída pelo brilho do metal.

Será que...?

Sim. Afastando uma dobra do veludo cor-de-berinjela, ela encontrou a confirmação de suas esperanças.

Um telescópio.

Desde a infância, Alexandra era fascinada pelo céu noturno. A vida a bordo de um navio mercante não lhe oferecia muitas formas de entretenimento após o pôr do sol. Ela pegava a luneta do pai com tanta frequência que ele acabou se rendendo e comprando uma para Alexandra. Em Londres, ela se virava com um telescópio retrátil de bolso que tinha comprado por dezesseis xelins em uma óptica. Um instrumento amador.

Mas este...?

Este era, sem dúvida, o objeto mais espantoso que ela já tinha tocado.

Sem pensar, ela se curvou para espiar através da ocular do telescópio. Ela percebeu que o instrumento estava apontado para a janela do sótão da casa em frente. O quarto de uma ou duas belas criadas jovens, sem dúvida.

Alex desviou o instrumento de seu alvo sórdido e o apontou para o jardim no meio da praça. Céus, ela conseguia distinguir as folhas amareladas de grama que saíam do solo.

Atrás dela, vidros tilintaram. Ela se assustou, afastando-se do telescópio com um salto que o derrubou do tripé, jogando-o contra um vaso próximo. Ela teve que mergulhar para pegá-lo antes que se

espatifasse no chão. Que demonstração de habilidade profissional. *Ora, isso mesmo, estou aqui para oferecer meus serviços cuidando de máquinas complexas e caras.*

– Perdoe-me. Não sei seu nome, Srta....

A língua dela parecia estar num nó de marinheiro.

– Mountbatten – ela conseguiu dizer. – Alexandra Mountbatten.

Então ele inclinou a cabeça e olhou para ela. Olhou *de verdade* para ela, com aquele mesmo olhar profundo, investigativo com que a observou na livraria.

O coração dela parou de bater com a expectativa.

Alexandra não esperava uma confissão de amor não correspondido, claro. No máximo, um simples *Nós não nos conhecemos?* Talvez até um *Ah, sim. Na Hatchard's, não foi?*

– Srta. Mountbatten. Prazer em conhecê-la.

Oh. Ele não lembrava de tê-la conhecido.

Um golpe de sorte, ela disse para si mesma. Caso lembrasse dela, seria porque Alex tinha permanecido em sua memória como uma tonta desajeitada e gaga, não como alguém digna de admiração. Isso era uma vantagem, na verdade. Agora ela poderia parar de desperdiçar tempo pensando nele.

Seria completamente irracional sentir-se decepcionada. Mais ainda, magoada.

Contudo, a capacidade lógica de Alexandra saía voando pelas orelhas dela quando aquele homem estava envolvido. Ela se sentia, de fato, magoada. Dentro dela, a prova contundente de sua tolice socava e amassava seu orgulho.

Ele limpou a mesa, tirando um candelabro com duas velas derretidas e dois copos de conhaque sujos. Em seguida, puxou a meia esquecida da galhada e – depois de procurar em vão um lugar adequado para guardá-la – enrolou-a e a enfiou debaixo de uma almofada.

– É melhor eu ir embora – ela disse. – Parece que eu estou interrompendo algo e...

– Você não está interrompendo nada. Nada que tenha importância, de qualquer modo. – Ele bateu no encosto de uma poltrona. – Sente-se.

Aturdida, ela aceitou o assento que lhe era oferecido. Ele deixou-se cair na espreguiçadeira à sua frente. Pelo modo como afundou no estofamento, Alexandra desconfiou que aquela peça de mobília já tinha sustentado e amortecido muitos encontros tórridos.

Em uma última tentativa de parecer apresentável, ele passou a mão pelo desgrenhado cabelo castanho.

– Tenho duas coisas que precisam de atenção.

*Relógios.*

Sim. Concentre-se nos relógios. Aquelas coisas que fazem tique-taque e têm mostradores e engrenagens e números. Eram seu ganha-pão, e ela andava batendo na porta de toda entrada de serviço em Mayfair para conseguir mais clientes. Alexandra não estava ali para admirar o tufo de pelos no peito dele, nem para fazer conjecturas sobre o significado da faixa preta que ele trazia no braço, tampouco para se martirizar pelas fantasias tolas nas quais ele a tomaria nos braços, confessaria os meses em que sofreu de amor por ela e juraria abandonar sua vida de devassidão agora que Alex tinha lhe dado uma razão para viver.

Ela fechou a tampa de sua imaginação, passou o ferrolho e o prendeu com um cadeado, então jogou-a de um precipício.

Aquela era apenas mais uma visita de negócios.

– Não sei lhe dizer muito da história delas – ele continuou. – Passaram pelas casas de diversos parentes antes de acabarem comigo, no último outono.

Heranças de família, então.

– Devem ser peças preciosas.

– Ah, sim – ele respondeu com ironia. – Muito preciosas. Para ser sincero, não tenho ideia do que fazer com as duas. Vieram com o título.

– O título? – ela repetiu.

– Belvoir. – Como ela não reagiu, ele acrescentou: – O Duque disse aí.

Uma gargalhada exagerada escapou de Alexandra.

Um *duque*? Oh, como Penny adoraria ter adivinhado isso.

– Acredite em mim – ele continuou –, também acho um absurdo. Na verdade, sou apenas herdeiro de um duque, por enquanto. Mas como meu tio está doente, recebi as responsabilidades legais.

Todos os deveres de um ducado, nenhuma das vantagens. – Ele fez um gesto na direção dela. – Bem, então me ensine alguma coisa.

– Eu... não entendi.

– Eu poderia perguntar sobre a sua formação e sua experiência, mas isso me parece uma perda de tempo. É melhor eu ver uma aula.

Uma *aula*? Ele queria saber de que modo os relógios funcionavam? Talvez quisesse saber do cronômetro. Ela poderia lhe explicar como o cronômetro mantinha a hora certa enquanto os relógios podiam atrasar vários minutos por dia.

– Que tipo de aula você tem em mente?

Ele deu de ombros.

– Qualquer coisa que você ache que eu precise aprender.

Alex não conseguiu segurar mais. Ela escondeu o rosto nas mãos e gemeu atrás delas.

No mesmo instante, ele se inclinou na direção dela.

– Você está doente? Espero que não seja tifo.

– É decepção. Eu esperava algo diferente. Mas deveria saber.

– O que, exatamente, estava esperando? – Ele arqueou uma sobrancelha.

– Você não quer saber. – *E não quero contar para você.*

– Ah, mas quero saber, sim.

– Não, não quer. Você, na verdade, não quer saber.

– Ora essa. Esse tipo de afirmação só torna um homem mais curioso. Diga logo o que é.

– Um cavalheiro – ela soltou. – Imaginava que você fosse um cavalheiro.

– E não está errada. Eu *sou* um cavalheiro. Em algum momento vou me tornar um nobre.

– Não foi o que quis dizer. Pensei que você fosse do tipo respeitável, honrado, atencioso, de cavalheiro.

– Ah! – ele exclamou. – Sim, essa foi uma suposição errônea da sua parte.

– É óbvio. Olhe só para você.

Enquanto falava, o olhar dela foi baixando, passando pelos ombros largos, chegando à camisa amarrotada. E parando no

triângulo do peito masculino exposto pelo colarinho aberto. A pele ali parecia lisa e firme, e os contornos musculares eram definidos, e...

E ela o estava encarando abertamente agora.

– Olhe para este lugar – ela continuou. – Garrafas de vinho espalhadas sobre a mesa. Perfume ainda pairando no ar. Que tipo de cavalheiro conduz uma entrevista de emprego nesta... – Ela apontou para o ambiente, sem encontrar a palavra. – Nesta caverna de devassidão?

– Caverna de Devassidão – ele repetiu, achando divertido. – Oh, gostei disso. Acho que mandarei fazer uma placa.

– Então agora você compreende minha suposição errônea. – As palavras continuaram saindo dela, cruas e irrefletidas, e Alex não conseguia controlá-las. Ela não conseguia nem mesmo pensar no que estava falando. – Quando abri a porta, fui tola o bastante para esperar outro tipo de pessoa. Um homem que não deixaria uma dama andar por Londres com apenas uma meia e dizer “nada que tenha importância”. Meias são importantes, Sr. Reynaud. Assim como as mulheres que as vestem. – Ela fez um gesto desanimado em direção à faixa preta no braço dele. – E tudo isso enquanto está de luto.

– Agora *isso* eu posso explicar.

– Por favor, não. A lição já é cruel o bastante. – Ela meneou a cabeça. – E tem também o telescópio.

– Espere um instante. – Ele se inclinou para frente. – O que o telescópio tem a ver com tudo isso?

– Esse – ela apontou com o braço estendido – é um Dollond genuíno. 46 polegadas, acromático, com objetiva de três elementos de vidro e abertura de  $3\frac{3}{4}$ . Tubo de madeira envernizada e anéis de bronze. Capaz de aumentar em sessenta vezes objetos em terra, e 180 vezes objetos celestiais. É um instrumento que a maioria das pessoas apenas sonha em possuir, e você o deixa ali, pegando poeira. É... Bem, é de partir o coração.

De partir o coração, mesmo.

No fim, Alex só podia culpar a si mesma. Todas as pistas eram evidentes. O péssimo gosto em livros. O sorriso encantador que fazia promessas que nenhum homem cumpriria. E aqueles olhos... Eles guardavam algum tipo de magia potente, que entorpecia o

cérebro. E ele saía por aí, trombando em mulheres em livrarias, sem ter a decência de manter aqueles olhos escondidos sob um chapéu de aba larga.

O único consolo dela era que ele esqueceria esta conversa no instante em que ela partisse, assim como já tinha esquecido dela uma vez.

– Obrigada, Sr. Reynaud. Hoje você me deu uma lição muito necessária. – Ela soltou um suspiro pesado e virou o olhar para a parede. – Galhadas. Sério?

Após um silêncio prolongado, ele assobiou baixo através dos dentes.

Ela se levantou, pegando a bolsa.

– Pode deixar que encontro a saída.

– Ah, não. Não mesmo. – Ele levantou. – Srta. Mountbatten, isso foi maravilhoso.

– O quê?

– Absolutamente brilhante. Eu gostaria muito de contratar seus serviços.

Talvez ela tivesse entendido tudo errado. Ele não era o Mulherengo da Livraria, afinal, mas o Maluco da Livraria.

Então, ele fez a coisa mais incompreensível de todas. Ele a fitou nos olhos, sorriu o bastante para revelar covinhas fatais, e falou as palavras que ela, tola, tinha sonhado ouvi-lo dizer.

– Você – ele disse – é tudo que eu estava procurando. E não vou deixá-la escapar.

Oh.

Oh, *Deus*.

– Venha comigo. Minhas pupilas vão adorar conhecer a nova aia.

## Capítulo dois

*Aia?*

Alexandra ficou sem fala.

– Eu a acompanho até o quarto delas. – Numa demonstração de arrogância masculina, o Sr. Reynaud pegou a bolsa dela. Ao aliviá-la do peso, suas mãos se roçaram. A transferência momentânea de calor tirou o equilíbrio do cérebro da moça. Ele se virou e caminhou até os fundos da sala. – Por aqui.

Ela sacudiu os braços que estavam dormentes e o seguiu. Como poderia não seguir? Ele tinha pegado sua bolsa – e com ela, seu cronômetro, e a agenda com clientes e compromissos. Seu ganhão estava literalmente nas mãos dele.

– Sr. Reynaud, eu...

– Elas se chamam Rosamund e Daisy. 10 e 7 anos, respectivamente. Irmãs.

– Sr. Reynaud, por favor. Nós podemos...

Ele a conduziu através da cozinha e escada acima. Eles chegaram ao corredor do primeiro andar. Ela o seguiu por uma passagem com paredes revestidas de seda cor-de-esmeralda listrada. Pela maciez que sentiu ao pisar, poderia até imaginar que o chão do corredor fosse acarpetado com nuvens. Seu trabalho a levava a muitas casas finas em Londres, mas Alex nunca deixava de se maravilhar com o luxo.

Ele a guiou pela escadaria principal, subindo dois degraus de cada vez.

– O sobrenome delas é Fairfax, mas é provável que se trate de nome adotado. São filhas naturais. Algum parente distante teve vários e deixou a guarda delas com o Estado.

Enquanto subiam lance após lance da escada, Alexandra mal conseguia acompanhar o ritmo dele, muito menos mudar o tópico da conversa.

– Vou mandá-las para a escola no próximo semestre – ele disse, e acrescentou, preocupado: – Supondo que eu consiga subornar alguma escola para que as aceite.

Enfim, chegaram ao último andar da casa. Alex adiantou-se e segurou a manga dele.

– Sr. Reynaud, por favor. Houve um tipo de mal-entendido. Um mal-entendido muito sério.

– De modo algum. Nós nos entendemos perfeitamente. Sou uma tristeza como cavalheiro, como você mesmo disse. Mas também não sou bobo. Aquela bronca que você me deu lá embaixo foi brilhante. As garotas precisam de pulso firme. Disciplina. Sou a última pessoa no mundo que poderia lhes ensinar bom comportamento. Mas você, Srta. Mountbatten? Você nasceu para este serviço. – Ele gesticulou para os quartos que davam para o corredor. – Você vai ter seus próprios aposentos, é claro. O quarto das crianças é aqui.

– Espere...

– Aqui estamos. – Ele escancarou a porta.

A mente de Alexandra recusou-se a entender a cena. Duas garotas de cabelo claro estavam de pé, uma de cada lado da cama. Uma cama linda. Com dossel de quatro pilares dourados, cobertura de renda lavanda e cortinas igualmente douradas presas por cordões cor-de-rosa. Essa cama seria o sonho de qualquer garotinha. A parte de baixo, contudo, era um pesadelo. Os lençóis brancos estavam manchados de vermelho.

– Vocês chegaram tarde demais. – A mais nova das duas se virou para eles com uma expressão sinistra de tão solene. – Ela morreu.

– Maldição. – O Sr. Reynaud suspirou alto. – De novo, não.



Chase não podia acreditar.

Duas vezes na mesma manhã. Insuportável.

Ele largou a bolsa da Srta. Mountbatten e foi até a cama, onde passou o dedo no lençol sujo. Aparentemente, geleia de groselha vermelha.

– Foi a diarreia de sangue – Rosamund disse.

Claro que sim. Chase apertou o maxilar.

– De agora em diante não vai haver mais geleia. De nenhum tipo, vocês me ouviram? Nada de geleia, nem gelatina, nenhum tipo de conserva.

– Nada de geleia? – Daisy repetiu, pesarosa. – Por que não?

– Por que não vou rezar por outra vítima de lepra coberta de feridas que exsudam marmelada! É por isso. Ah, e nada de purê de ervilhas, também. A indigestão que Millicent teve semana passada arruinou o tapete da sala de estar.

– Mas...

– Chega de discussão. – Ele apontou o dedo para suas pupilas mórbidas. – Ou vou trancar vocês duas neste quarto e alimentá-las apenas com migalhas mofadas.

– Que gótico – Rosamund observou.

– Receio que eu tenha que ir, agora. – A interrupção débil veio da Srta. Mountbatten, que tinha permanecido na entrada do quarto.

E que, em seguida, pegou furtivamente sua bolsa, deu meia-volta e desapareceu no corredor.

Maldição.

Chase foi até o mapa e enfiou uma tachinha no primeiro lugar vazio que enxergou.

– Comecem a fazer as malas.

– Não existe nenhum internato na Lapônia – Rosamund afirmou.

– Vou doar o dinheiro necessário para criarem um – ele disse enquanto corria até a porta. – Espero que gostem de arenque.

Então ele correu atrás de sua nova – e, por Deus, não a última a se demitir – aia.

– Espere. – Ele desceu três degraus de cada vez, pulando por cima do corrimão para encontrá-la no último patamar. – Srta. Mountbatten, espere. – Estendendo-se, ele a segurou pelo braço.

Eles pararam na escadaria. Chase era alto e Alex, baixa. O topo da cabeça dela chegava ao meio do esterno dele. A conversa era cômica de tão impossível. Ele a soltou e desceu dois degraus, para poder fitá-la nos olhos. E o olhar dela quase o derrubou da escada. Para uma mulher de baixa estatura, ela produzia um impacto prodigioso. O nariz, um botão delicado, a pele morena e o cabelo, um preto meia-noite brilhante. E olhos escuros infinitos que extraíam algo do fundo do peito dele. Chase precisou de um momento para se recompor.

– Millicent é a boneca da Daisy. A menina mata essa coisa uma vez por dia, no mínimo, mas... – Maldição, ele tinha deixado manchas vermelhas na manga de Alex, e só Deus sabia que substância ela iria pensar que aquilo era. – Não, isso não é o que você está pensando. É só geleia de groselha. – Ele levantou o dedo indicador à altura da boca de Alex. – Aqui, pode provar.

Alexandra arregalou os olhos para ele.

– Você está propondo que eu lamba seu dedo?

Chase limpou a mão na própria camisa. Deus, ele estava estragando tudo. Se ela ficasse preocupada com a própria virtude, isso não seria bom para ele. Qualquer moça hesitaria em aceitar um emprego na casa de um mulherengo escandaloso – mesmo que as pupilas do mulherengo fossem verdadeiros anjos. E as pupilas de Chase eram incorrigíveis diabretes mórbidos.

Na verdade, o emprego que ele oferecia não trazia muitas vantagens, exceto por uma.

– Vou lhe pagar muito bem – ele disse. – Uma quantia astronômica.

– Houve um engano. Eu vim oferecer meu serviço de relojoeira. Não sou aia. Não tenho treinamento nem experiência. E aias costumam ter berço, não é verdade? Também não possuo essa qualificação.

– Não ligo se você tem berço, cama de armar ou só um colchonete no chão. É instruída, compreende decoro e... está respirando.

– Tenho certeza de que encontrará alguém para ocupar o cargo.

– O cargo já foi ocupado. E vago. E ocupado e vago diversas vezes. Em certa ocasião, muitas vezes no mesmo dia.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Amor Conveniente"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).